



Semiótica tensiva e psicanálise: o andamento na sessão analítica

Bruna Paola Zerbinatti*

Resumo: Este trabalho se propõe a realizar uma intersecção entre Semiótica Tensiva e Psicanálise, verificando como o conceito de andamento de Claude Zilberberg pode ser visto em sessões de análise. Para tanto, inicia-se uma discussão sobre as aproximações entre Zilberberg e Freud. Em seguida, uma seção é dedicada à noção de enquadre analítico, campo em que o conceito de andamento pode ser inserido, para, posteriormente, realizar-se o estudo do andamento em sessões de análise por meio de vinhetas clínicas.

Palavras-chave: Andamento; Enquadre; Semiótica Tensiva; Psicanálise.

*Sensibilité - Mère de l'étonnement - Fille de la
coupure, des résistances - étincelle et
lumière - éveil, appel, invasion - Accélération - ou
- variation seconde - Inégalité, valeurs.*

(Paul Valéry – considerada “lista de problemas” para Zilberberg)

1 Sensibilidade – Mãe do espanto

Prezada senhorita,

*Tomei conhecimento do teor da sua carta com emoção, ambos sabemos que o afeto é o
significante do sobrevir, com frequência desastroso mas neste caso gratificante para
mim.*

Foi também com emoção e espanto que recebi a notícia do falecimento de Claude Zilberberg em outubro de 2018, um sobrevir desastroso, disfórico. Mas como todo acontecimento, nos ensina o mestre, precisa de tempo e extensidade para ser assimilado, fui tentando recompor minhas memórias com o autor da Semiótica Tensiva, tentando trazer legibilidade para o que se apresentava como impacto. Encontro, assim, bastante gratidão.

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.153794

* Psicanalista, Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP).
Endereço para correspondência: (brunapaola@uol.com.br).

As linhas colocadas acima foram as do início de sua resposta à minha primeira correspondência com ele, datada de maio de 2008, mais de dez anos atrás. A menina de 21 anos dedicava-se já ao estudo da teoria tensiva, fazia uma iniciação científica tendo como tema o andamento na poesia de Paulo Leminski, e se preparava para o mestrado. Fascinada pela obra de Claude Zilberberg, tinha muitas dúvidas e perguntas sobre o que lia – daí a ousadia de escrever-lhe colocando minhas questões – mas ao mesmo tempo encontrava caminhos promissores com a inclusão dos afetos na teoria do sentido.

2 Filha do corte, das resistências

Realizei mestrado e doutorado em semiótica, diria mesmo – sem nenhuma falta de precisão – em Semiótica Tensiva. Ao mesmo tempo em que era uma estudiosa fervorosa da obra de Zilberberg, fui também me interessando por Freud e pela Psicanálise. Tornei-me psicanalista, profissão que exerço hoje e domínio onde efetuo minha pesquisa. Nunca deixei de ser semioticista, muito menos zilberberguiana, apesar de nunca ter dito ao teórico francês que me tornara psicanalista (as resistências, o corte...).

Cada vez mais encontro pontos de convergência entre as disciplinas: creio que a Semiótica Tensiva tenha muito a contribuir com a Psicanálise. Considero este trabalho o primeiro de uma série que propõe uma conversa entre conceitos de Zilberberg e certos conceitos da Psicanálise, no intuito de estabelecer pontes e verificar os possíveis auxílios da Semiótica no campo inaugurado por Freud. O presente artigo se concentra nos temas da “velocidade” em semiótica tensiva dentro do “enquadre” psicanalítico, ou seja, como a noção de andamento pode ser aproveitada em sessões de análise.

Porém, antes de entrarmos mais a fundo em ambas as teorias, cabe alguma explicação sobre esse ímpeto de colocar Zilberberg e Freud lado a lado.

3 Faisca e luz

É possível fazer uma aproximação entre Zilberberg e Freud?

É preciso ter muita cautela ao aproximar duas teorias, já que fazem parte de epistemes diferentes com características próprias, não podendo simplesmente ser colocadas lado a lado como se fossem equivalentes. Em seu último livro, *A estrutura tensiva* [La structure tensiva, 2012], Zilberberg coloca três pares de constituintes da “classe de possíveis” que constituem uma teoria, sendo eles: (i) imanência *vs* transcendência, (ii) diacronia *vs* sincronia, (iii) formalismo *vs* humanismo (Zilberberg, 2012, p. 11). A partir de tais critérios, poder-se-ia delinear o perfil de uma teoria. Para o autor, devido ao estatuto dado ao inconsciente, a psicanálise seria caracterizada como transcendente, diacrônica e humanista, diferentemente da Semiótica. Entretanto, afirma ainda o autor que esses pares de oposição não devem funcionar sobre o modo da alternância (ou...ou), mas sim da coexistência (e...e) (Zilberberg, 2012, p. 13).

Respeitando assim as particularidades das teorias, é possível estabelecermos

certas aproximações. Em primeiro lugar, a afetividade é uma das questões centrais para a Psicanálise¹ e a preocupação da Semiótica Tensiva é com os afetos, com a possibilidade de encontrar um meio de considerar a dimensão afetiva dos textos estabelecendo um espaço tensivo². Nos primeiros trabalhos de Zilberberg há menção direta a Freud em diversos momentos, referência que vai escasseando no decorrer de sua obra à medida que a dimensão da estrutura vai aumentando em importância.

O primeiro livro publicado de Zilberberg, *Ensaio sobre as modalidades tensivas* [*Essai sur les modalités tensives*, 1981], é aquele que começa a estabelecer um primeiro conceito de tensividade tanto quanto de foria. As menções a Freud e a tentativa de estabelecer correspondências são abundantes, o que mostra o quanto a Psicanálise foi decisiva para a constituição do pensamento tensivo. É sobretudo na discussão sobre foria que podemos encontrar a pulsão e o princípio de prazer freudianos³.

Em resumo, porque não é este o objetivo principal deste artigo, pulsão é um conceito na fronteira entre o psíquico e o somático, ela age como uma força constante (Freud, 2004 [1915]) e tem como meta a satisfação, ou seja, pelo princípio do prazer, um estímulo, uma tensão caminha para sua satisfação, sua resolução. Se a meta da pulsão é a satisfação, trata-se de um princípio de economia em que “cada vez que uma tensão desprazerosa se acumula, ela desencadeia processos psíquicos que tomam, então, um determinado curso. Esse curso termina em uma diminuição da tensão, evitando o desprazer ou produzindo prazer” (Freud, 2006 [1920], p. 135). Zilberberg afirma que é muito difícil definir claramente a foria e, no entanto, para ele, trata-se de um conceito central. A foria é aquela “que leva” (qui porte), muito semelhante à pulsão, e se subdivide em euforia e disforia. “A euforia é uma eufemia que consiste em uma tensão decrescente e em um relaxamento crescente. E correlativamente, a disforia consiste em uma foria que vale como crescimento da tensão e relaxamento decrescente”⁴ (Zilberberg, 1981, p. 67). Assim, a conjunção é para o autor a resolução de uma tensão em relaxamento (Zilberberg, 1981, p. 69).

Se a preocupação de Freud é do afeto no aparelho psíquico, Zilberberg tratará do afeto em uma estrutura tensiva, estrutura esta, porém, que provém de um *quantum* de energia fórica tal como a pulsão freudiana. O teórico francês estabelece quatro propriedades tensivas: a velocidade, o impacto, a foria e a concessão (Zilberberg, 2012, p. 33). Foi mostrada brevemente uma delas, a foria. Como já anunciado, tratarei aqui mais especificamente do andamento, que se encontra no campo da velocidade. Entretanto, antes de me aprofundar neste tema, cabe explicitar em qual área da Psicanálise a consideração do andamento pode ser aproveitada.

¹Uma referência bastante enriquecedora do tratamento dos afetos psicanaliticamente pode ser encontrada em *Le discours vivant*, de André Green (Green, 2015).

²Em *Elementos de Semiótica Tensiva*, Zilberberg aponta como apenas a Psicanálise e alguns outros poucos autores consideram a afetividade como uma questão que não deve nem ser negligenciada nem ser tomada como “intratável” (Zilberberg, 2011, p. 78).

³Uma discussão preliminar a esse respeito pode ser vista em Zerbinatti (2015).

⁴“L’euphorie est une euphémie qui consiste en une tension décroissante et en une laxité croissante. Et corrélativement la dysphorie consistera en une phorie qui vaut comme accroissement de tension et laxité décroissante.”

Creio que o andamento em uma sessão de análise se insere nos estudos sobre o enquadre analítico.

4 Despertar, chamado, invasão

Enquadre, também muitas vezes referido como *setting*, é classicamente considerado como uma moldura que permite que a sessão de análise se desenvolva. José Bleger (2015 [1967]), em seu trabalho “Psicanálise do enquadre psicanalítico”, interessa-se pelo enquadre quando é mantido e não quando é quebrado pelo paciente. Afirma o autor que o enquadre é uma série de constantes, enquanto o processo é uma série de variáveis. O enquadre se constitui como um “não-processo no sentido em que é feito de constantes em cujas fronteiras o processo ocorre” (Bleger, 2015 [1967], p. 327).

Assim, é dentro de um determinado enquadre que o processo analítico se dá. No enquadre estão considerados o papel do analista, fatores de espaço e de tempo e parte da técnica no que se refere ao contrato. Para Bleger, o enquadre é muito mais uma estratégia do que uma técnica (Bleger, 2015 [1967], p. 326). O enquadre torna-se então um objeto de análise.

Enquadre interno e estrutura enquadrante são conceitos centrais na obra de André Green. A estrutura enquadrante é para Green (2002) uma interiorização do enquadre materno pelo sujeito, compondo-se como um espaço transicional. É na estrutura enquadrante que podem ocorrer os processos da terceiridade bem como as operações do duplo limite: intrapsíquico e intersubjetivo. Assim, dirá Urribarri que “a estrutura enquadrante apresenta o modelo do enquadre segundo o qual é possível avaliar segundo o duplo eixo do intrapsíquico e o intersubjetivo a produção representativa na sessão como efeito do encontro abstinente com o objeto” (Urribarri, 2015a, p. 197).

Existe então a estrutura enquadrante, de ordem psíquica, e o enquadre analítico, aquele que moldura as relações analíticas entre analista e paciente. Para Green (2002), o enquadre analítico constitui-se como um campo de forças sobre o qual se manifesta a transferência; porque, portador de uma certa estabilidade, permite o surgimento das forças e tensões em busca de sentido.

Entretanto, alguns pacientes que apresentam falhas em sua estrutura enquadrante possuem uma difícil tolerância ao enquadre analítico clássico, sempre causando ruídos e tentando ultrapassar os limites fornecidos. Tais casos, antigamente não-analisáveis, são hoje atendidos pela psicanálise, exigindo do analista enquadre interno.

O enquadre interno do analista, intrapsíquico, permite que se coloque e se articule o intersubjetivo, criando quase que uma interface entre eles. O enquadre interno do analista é fruto principalmente de sua própria análise, em que pôde construir-se um espaço reflexivo e transicional de sua própria experiência emocional. O enquadre é então considerado de forma ampla, portador de diversos elementos, mas constituído como um terceiro na relação analista/analizando.

Fernando Urribarri, em artigo sobre a psicanálise contemporânea, propõe: “talvez, uma das primeiras funções do enquadre analítico seja favorecer este distanciamento da atualidade, sua relativização, gerando assim condições para

que diversas temporalidades psíquicas possam se apresentar (e ser potencialmente reconhecidas)” (Urribarri, 2015b, p. 231).

Tais temporalidades psíquicas são diversas e apresentam-se segundo uma série de parâmetros. Pode-se pensar na vivência do tempo de uma sessão de análise, em que o enquadre garante um tempo definido de uma sessão (50 minutos, por exemplo). Por outro lado, existe uma outra dimensão temporal, o *tempo fragmentado*, como chama André Green (2000), do que é dito na sessão de análise, com passado, presente e futuro e seus avanços e retomadas que também são vividos naquela quantidade de tempo determinada.

Nelson Coelho Jr. define esses dois tempos como o tempo cronológico, sendo aquele do *setting* analítico, e o tempo de sonhar, como aquele da outra vivência (Coelho Jr, 2013, p. 52). O que se complica, para pensar a sessão de análise, é que além desses tempos do analisando, o tempo do analista também deve ser levado em conta e, mais ainda o tempo do terceiro analítico criado pelos dois sujeitos, se utilizarmos a terminologia de Ogden, ou simplesmente o tempo do objeto analítico, utilizando Green⁵. Coelho Jr., no mesmo artigo, considera regressão, repetição e ritmo como três dos conceitos psicanalíticos mais importantes relacionados com a experiência do tempo. Gostaríamos de considerar ainda outra dimensão presente no tempo, a do andamento, e verificar como se constitui em uma sessão de análise e o que mobiliza.

5 Aceleração – ou segunda variação

Retomando a estrutura tensiva de Zilberberg, temos a intensidade como eixo dos estados de alma e a extensidade como aquela dos estados de coisas. A intensidade então corresponde aos afetos, uma intensidade subjetal, vivida e medida após catálise, porque afinal de contas, como diz Zilberberg apoiando-se sempre em Valéry, o que seria experimentar um afeto senão, primeiramente, tomar pessoalmente sua medida?

A intensidade do vivido é analisável pela intersecção do andamento – rápido e lento – e da tonicidade – tônico e átono. O andamento dentro de uma sessão de análise pode ser considerado em duas diferentes dimensões referentes a uma expressão ou um conteúdo. Quero com isso dizer que o andamento acelerado pode ser tanto a fala muito rápida de um paciente, quanto uma aceleração dos conteúdos, que se encadeiam em alta velocidade. Assim, a aceleração considera também uma sucessividade de conteúdos sem conectores muito explícitos, sentidos pelo analista como surpresa, faltando-lhe esse tempo necessário para estabelecer ligações entre o que está sendo dito e ouvido.

Por outro lado, o andamento desacelerado se constitui tanto com uma fala lenta, que leva muito tempo para progredir, quanto na expressão de uma compulsão à repetição, em que informações novas são raramente colocadas. Um conteúdo

⁵O objeto analítico é definido por Green como um “terceiro objeto, produto da reunião daqueles constituídos pelo analisando e o analista”. Diz ainda o autor que o objeto analítico não é nem interno (ao analisando ou ao analista) nem externo (a um ou a outro), mas ele está entre eles (Green, 1975).

lento pode ser acompanhado de uma expressão lenta, mas também pode ocorrer de haver uma expressão rápida de conteúdos lentos e vice-versa.

Assim, seria correto dizer que o andamento articula as dimensões intrapsíquica e intersubjetiva. Conforme André Green (2008, p. 213),

o intrapsíquico se situa sobre as raízes da atividade psíquica, aquelas que são o mais profundamente encobertas, aquelas que são menos acessíveis à exploração direta. O intersubjetivo explora a troca observável desde o exterior, por alguém que estará em condições de descrever os processos que estão acontecendo.

O intrapsíquico possui o sonho como paradigma, enquanto o intersubjetivo está ligado ao relacional. O andamento afeta, então, o que Green vai chamar de *transferência sobre a fala e transferência sobre o objeto*. Na transferência sobre a fala, todos os afetos, fantasias, todo conteúdo que se produz na esfera psíquica deve ser verbalizado. Já a transferência sobre o objeto diz respeito à transferência sobre o analista, na relação intersubjetiva. O que afirma Green é que essas duas operações, esses dois tipos de transferência ocorrem ao mesmo tempo, fazendo apenas um tipo de operação (Green, 2002, p. 55).

Retomando a sintaxe intensiva de Zilberberg, temos as progressões ascendentes e descendentes que são para ele a base do movimento tensivo. A sintaxe intensiva tem como característica a circularidade, ou seja,

o fato de os aumentos e as diminuições efetuadas intervirem enquanto operações e também enquanto objetos, ou simplesmente: se o sujeito intervém, ele aumenta ou diminui um aumento ou uma diminuição; esse nível constitui o plano do conteúdo, as grandezas-objeto constituem o plano da expressão. (Zilberberg, 2012, p. 66)

Assim, é possível tomar “mais” e “menos” como “unidades de progressão”, espécies de “sílabas intensivas”, e colocá-las em quatro diferentes possibilidades operacionais, considerando um percurso ascendente ou descendente⁶ (cf. Tabela 1):

SINTAXE → MORFOLOGIA ↓	ESTADO INICIAL	→ modulação →				ESTADO RESULTANTE
ascendência	somente <i>me- nos</i> (extinção)	menos <i>menos</i> (restabeleci- mento)	<i>mais</i>	<i>mais</i> (recrudesci- mento)	somente <i>mais</i> (saturação)	
descendência	somente <i>mais</i> (saturação)	menos <i>mais</i> (atenuação)	<i>mais</i>	<i>menos</i> (minimização)	somente <i>me- nos</i> (extinção)	

Tabela 1: Possibilidades operacionais. Adaptado de Zilberberg (2011).

Desse modo, no percurso ascendente, tomamos uma direção da diminuição para o aumento, acrescentando *mais*, ou seja, de um *menos menos* até um *mais mais* que, no limite, levaria à saturação, onde haveria “só mais”. Da mesma maneira,

⁶Uma versão deste quadro pode ser encontrada em Zilberberg (2011). Acrescentamos apenas os termos *saturação*, *extinção*, *restabelecimento*, *recrudescimento*, *atenuação* e *minimização*, previstos pelo próprio autor na mesma obra, porém não colocados nesse diagrama específico.

em um percurso descendente acrescentaríamos menos, ou seja, o excesso de mais diminuiria um pouco (*menos mais*) até ser reforçado por uma diminuição maior (*mais menos*) que poderia chegar em um “só *menos*”, a extinção. Dito isso, trago duas vinhetas clínicas que colocam em movimento temporalidades e andamento no centro da sessão analítica.

6 Desigualdade

Júlio chega em sua primeira sessão meia hora adiantado. Queixa-se de uma extrema ansiedade, que atualmente atrapalha muito seu namoro e já o fez perder alguns empregos. Sua fala é muito acelerada e cheia de conteúdos, precisa usar cada segundo de nosso tempo, preenchê-los sem pausas. Traz um intenso sofrimento marcado por dúvidas a respeito de seu relacionamento, a respeito do que ele pensa, do que a namorada pensa, do que a analista pode pensar disso tudo, e os sentimentos são tão tônicos e rápidos, em uma progressão em velocidade ascendente, que o fazem ter a sensação de enlouquecer.

A primeira entrevista dura uma hora e meia, falta tempo, em que ele fala tão rápido e tantas coisas que sua analista fica sentindo muita sede, sente vontade de alcançar um copo d'água e oferecê-lo além de bebê-lo devagar, em sorvidas lentas, para fazer durar um pouco mais daquelas palavras que se encadeiam e desencadeiam sem parada. A imagem do copo d'água sendo sorvido devagar corresponde a uma atenuação daquele discurso corrido. A rapidez em excesso torna o conteúdo inapreensível e, se então a atenção da analista corre o risco de se desfazer, é preciso que tente diminuir a velocidade, ou ao menos promover um ajuste entre ambos.

Por um lado, é preciso que a analista primeiramente possa estar junto a Júlio, acompanhá-lo em sua intensidade, experienciar em seu próprio corpo a intensidade, para conseguir dar alguma continência ao experimentado, algo que se mostra com a sede.

Grande parte do trabalho com Júlio será tentar fornecer uma regulação das temporalidades e dos andamentos, conseguir que ele consiga “ganhar tempo”, para que se estabeleça um espaço entre pensamento e ação.

Já Fernanda chega 15 minutos atrasada. Vem para São Paulo vindo de muito longe, está também sozinha na cidade que tenta descobrir pela primeira vez. Não tem parentes ou amigos por aqui, seus dias são de uma extensidade exagerada, nada há para fazer. Sua fala dura pouco, os silêncios são constantes. Seus olhos chamam atenção, não é um olhar de quem testa a analista, nem de quem se encontra angustiada, olha a analista com vazio, com um branco que preocupa e faz pensar em uma ausência de representações, ausência de vida.

A sessão dura apenas quarenta minutos e vai esmorecendo cada vez mais. Fernanda parece não sentir nada, responde as perguntas da analista sem muito interesse, não parece saber exatamente por que está ali, por que veio, embora tenha sido ela mesma que procurou o contato e agendou a entrevista. Não tem nenhuma pergunta a fazer nem a si mesma nem à analista, sua presença parece marcada por um “tanto faz”.

A analista não consegue pensar em nada, pouquíssimas coisas lhe ocorrem,

como parecem não ocorrer a Fernanda. É preciso sobretudo que a analista suporte o branco, o que parece uma tarefa bastante difícil. Há uma sobra de tempo, ao contrário da falta de tempo do primeiro caso, e progressivamente é preciso ir em direção a um recrudescimento, a um aumento de velocidade que possa fazer emergir pensamentos e sentimentos tanto na analisanda quanto na analista, trazendo vida ao encontro. Também é muito progressivamente que isso poderá ser construído.

Considerando o objeto analítico como criação do analista e do analisando, podemos pensar que, nas vinhetas apresentadas, o aumento desenfreado da velocidade de uma comunicação é tão prejudicial quanto sua diminuição exagerada. Em ambos os casos, o que se compromete é a atenção: a rapidez em excesso torna o conteúdo inapreensível, enquanto a lentidão desmedida o torna entediante. É necessário então, no primeiro caso, atenuar a velocidade e, no segundo, restabelecê-la. “Só mais” é tão insuportável quanto “só menos”. Quando o analista é capaz de, por meio dos processos de ligação/desligamento/religamento, atenuar, oferecer menos ao seu paciente no caso de uma progressão ascendente ou, ao contrário, oferecer mais em uma progressão descendente, é criado um ritmo necessário para o funcionamento do objeto analítico.

7 Valores

Se o enquadre, seja interno ou externo, é garantia de estabilidade, as forças que serão projetadas dentro dele pela transferência são as mais diversas possíveis. Não apenas o analisando está presente dentro deste campo de forças como também o analista, e é preciso que ambos possam trabalhar juntos para que se construa um campo de sentido.

Em um campo em que diversas temporalidades e andamentos serão projetados, como nas vinhetas clínicas apresentadas, cabe ao analista, por um lado, estar atento não apenas ao discurso verbal, mas às suas formas de expressão que também podem ser analisadas e expressam experiências emocionais ainda não simbolizadas, mostradas de forma não verbal ou então, ainda que pela fala, pela sua expressão tanto quanto pelo conteúdo. Por outro lado, é importante que também consiga dar continência a tais andamentos, seja de maneira passiva ou ativa como propõe Luís Claudio Figueiredo, ou seja, a ativa pela transformação da experiência emocional projetada de forma bruta em algo simbolizado e a continência passiva como suporte e barreira que garante que os conteúdos a serem acolhidos não sofram um transbordamento devido a sua alta intensidade (Figueiredo, 2014).

Portanto, tanto quanto o campo de sentido que analista e analisando devem criar, penso ter mostrado que o conceito zilberberguiano de andamento mostra-se bastante frutífero e deve ser levado em conta nas sessões de análise. Assim sendo, as intersecções entre a Semiótica Tensiva e a Psicanálise podem também aumentar os campos de sentido, intuito que possuem, aliás, as duas teorias.

Acredito que explorar as potencialidades de uma teoria em outras áreas de conhecimento seja uma forma de homenagear seu autor, deixando-a viva mesmo que já não viva quem a criou. Deixo assim minha singela homenagem a Claude Zilberberg, tão fundamental no meu percurso como pesquisadora e (por que

não dizer?) também como pessoa. Se iniciei este texto com nossa primeira comunicação, termino com as últimas investigações que tenho empreendido, esperando que possam render mais frutos e possuir um ainda longo caminho pela frente, *avec l'expression de mes sentiments les meilleurs*, como Zilberberg costumava se despedir em seus e-mails. ●

Referências

- BLEGER, José. Psycho-analysis of the psycho-analytic frame. In: LISMAN-PIECZANSKI, N.; PIECZANSKI, A. *The Pioneers of psychoanalysis in South America: an essential guide*. London and New York: Routledge, 2015 [1967]. p. 326-340.
- COELHO JR., Nelson E. Tempo do sonho, tempo da rêverie e o terceiro-analítico. *Cad. Psicanál. - CPRJ*, 35 (28), jan./jun. de 2013. p. 49-60.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio. A Clínica psicanalítica e seus vértices: continência, confronto e ausência. In: FIGUEIREDO, L. C. *Cuidado, Saúde e Cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*. São Paulo: Escuta, 2014. p. 125-149.
- FREUD, Sigmund. Pulsões e Destinos das Pulsões. In: FREUD, S. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2004 [1915].
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer. In: FREUD, S. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1920].
- FREUD, Sigmund. Abrégé de psychanalyse. In: FREUD, S. *Oeuvres Complètes* (Vol. XX). Paris: Presses Universitaires de France, 2010 [1938].
- GREEN, André. La psychanalyse, son objet, son avenir. *Revue Française de Psychanalyse*, XXXIX, 1975. p. 103-134.
- GREEN, André. *Le temps éclaté*. Paris: Les éditions de minuit, 2000.
- GREEN, André. Le cadre psychanalytique: son intériorisation chez l'analyste et son application dans la pratique. In: GREEN, A. *L'avenir d'une désillusion*. Paris: PUF, 2002.
- GREEN, André. L'intrapsíquico e l'intersubjetivo. In: GREEN, A. *La pensée clinique*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.
- GREEN, André. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- Green, André. *Le Discours Vivant*. Paris: PUF, 2015.
- URRIBARRI, Fernando. André Green: uma metapsicologia contemporânea para orientar a clínica atual. Da estrutura enquadrante à heterogeneidade representativa. In: CANDI, T. S. *Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos: o representável e o irrepresentável em André Green e Thomas H. Ogden*. São Paulo: Escuta, 2015a. p. 185-202.
- URRIBARRI, Fernando. Como ser um psicanalista contemporâneo? Da extensão do campo clínico à interiorização do enquadre. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49 (1), 2015b. p. 229-245.
- ZERBINATTI, Bruna Paola. *O ritmo em semiótica: teoria e análise de Catatau e Ex-Isto*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 212 f.

ZILBERBERG, Claude. *Essai sur les modalités tensives*. Antuérpia: Amsterdam/John Benjamins B. V, 1981.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Gramática Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012.

Dados para indexação em língua estrangeira

Zerbinatti, Bruna Paola

Tensive semiotics and psychoanalysis: the tempo in the analytic session

Estudos Semióticos, vol. 15, Edição Especial (2019)

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper intends to establish a link between Tensive Semiotics and Psychoanalysis. We intend to see how the concept of tempo, from Claude Zilberberg can be used in psychoanalytical sessions. To do so, we start the paper discussing similarities between Zilberberg and Freud. Then, we explore the notion of setting in psychoanalysis, where we can insert the concept of tempo. Right after, we study how tempo can be seen in psychoanalytical sessions through some clinical cases.*

Keywords: *Tempo; Setting; Tensive Semiotics; Psychoanalysis.*

Como citar este artigo

Zerbinatti, Bruna Paola. Semiótica tensiva e psicanálise: o andamento na sessão analítica. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 146-155. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 21/01/2019

Data de aprovação do artigo: 15/02/2019
